



GT 041. Islã e suas interfaces no Brasil e no mundo

Francirossy Campos Barbosa (USP) - Coordenador/a, Sonia Cristina Hamid (Instituto Federal de Brasília) - Coordenador/a, Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (Universidade Federal Fluminense) - Debatedor/a

O islã é uma das religiões que mais cresce no mundo, tendo, inclusive, forte presença em países ocidentais. Apesar disso, ele segue sendo ideologicamente construído de modo orientalista, visto como uma religião exótica e retrógrada, além de uma ameaça a um suposto ordenamento secular ocidental. De modo a superar uma visão essencialista e homogênea do islã e de seus praticantes, buscamos o diálogo com pesquisadores que vêm se dedicando a investigações sobre esta religião em suas variadas intersecções com questões nacionais, econômicas, étnicas, raciais, geracionais, de classe, de gênero e/ou de instrução. Da mesma forma, buscamos abordagens que mostrem as relações entre fenômenos globais e locais e que apontem, por exemplo, de que modo eventos políticos que ocorreram ou vêm ocorrendo em países com populações de maioria muçulmana – primavera árabe; radicalização de grupos religiosos; guerras civis em países como a Síria; deslocamentos populacionais – influenciam as percepções e as vidas de homens e mulheres muçulmanos de diferentes maneiras, globalmente. Aceitamos tanto propostas que abordem estas questões a partir de perspectivas exclusivamente teóricas, quanto aquelas que apresentem pesquisas empíricas.

Acordos cotidianos: os conceitos de halal (permitido) e haram (ilícito) entre muçulmanos xiitas e sunitas do Rio de Janeiro e suas escolhas alimentares

Autoria: Thaís Chaves-Ferraz

Alimentar-se pode ser mais do que responder a imperativos fisiológicos ou preferências. Para Douglas e Isherwood (2004), comida e bebida, ligadas às necessidades físicas, têm tanta significação quanto o que desejam mente e coração, bens espirituais. Os autores propõem a unicidade entre físico e psíquico. Essa perspectiva ganha relevo em contextos religiosos. Ingerir ou evitar determinadas qualidades de comida demonstram relações com o divino e pertencimento identitário. Diz Abu Salem (2015) que alimentos e observação de rituais de culinária "são como as pessoas religiosas alimentam o corpo e a alma, permitindo que se sintam parte de uma comunidade mais ampla, mas ao mesmo tempo diferenciada". Este work se volta à importância que a alimentação demonstrou ter para muçulmanos xiitas e sunitas do estado do Rio de Janeiro, entre tabus e práticas, cuja base são conceitos de halal (lícito) e haram (impuro). Há experiências etnográficas tanto na Sociedade Beneficente Muçulmana, sunita, como no Centro Cultural Imam Hussein, xiita. Halal e haram são linhas-mestras para um estilo de vida e conduta em geral. Contudo, a preocupação ligada ao consumo alimentar emergiu com força, especialmente entre convertidos e nas suas interpretações do Islã. O alimento halal é ponto central no Islã. Há regras para o abate animal e consumo: este deve ser morto com extinção mínima de sangue e do sofrimento. Bênçãos são recitadas. O processo precisa da expertise que só um muçulmano teria. Algumas vedações do Islã têm base na evitação de comidas e líquidos impuros, como porco e álcool. Contudo, talvez o maior exemplo venha do acesso a carnes halal. Alguns afirmam sequer existir tal qualidade de carne no Rio de Janeiro, quiçá em toda nação. Um paradoxo: apesar de o mercado interno ser ínfimo, o país é um dos maiores exportadores de carnes halal (FERRAZ, 2015). Assim, narrativas especiais surgem das releituras de halal e haram feitas por esses muçulmanos. É válido conhecer mais dessas comunidades diaspóricas no Rio de Janeiro, formadas por imigrantes de diversos países, seus descendentes e brasileiros convertidos, parcela consistente e que opta por ressignificar hábitos em prol de uma religiosidade minoritária como o Islã no Brasil. Compartilhando do entendimento de que uma



comunidade desse tipo se autorreconhece e cria laços por atos e simbologias comuns, o artigo aborda práticas alimentares entre sunitas e xiitas. Muitas vezes, é preciso contornar dilemas, entre desejos individuais e normas do grupo, com cargas simbólicas compartilhadas e particulares, cujo foco são o halal e haram. Um muçulmano tem em seu corpo e modo de agir fios condutores para experiências religiosas. Buscar o lícito é parte dos ideais diários de atenção e correspondência a esse Islã (re)interpretado.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

